

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 25 — VOL. III.

Sabbado 25 de Junho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Montanhas de marmore, em Carrara — Quadras historicas, continuação — O lago de Garda — A villa de Freixo d'Espada á Cinta — Memorias do coração, continuação — A villa de Fronteira — Noticias biographicas dos principaes personagens da actual guerra d'Italia — Alva Estrella, continuação — A pastorinha — Miscellanea.
GRAVURAS: — Montanhas de marmore, em Carrara — Brasões d'armas das villas de Freixo d'Espada á Cinta, e Fronteira — Planta de Verona — Lago de Garda.

Historia da actualidade.

Venderam-se ultimamente em Paris, pelos seguintes preços: um exemplar do *Rationals*, de Durandus, quatro mil e seiscentos francos; um exemplar do *Instituto*, de Justino, cinco mil e quatrocentos francos; outro da *Decretals*, de Gratian, tres mil francos.

No dia 6 de Abril do corrente anno saiu á luz em Goa um novo periodico, intitulado o *Ultramar*, e de que é primeiro redactor o senhor Bernardo Francisco da Costa, e proprietario o senhor Antonio Anastacio Bruto da Costa. E' a primeira typographia particular que se estabeleceu na India portugueza.

Acaba de reclamar Grimeud de Caux perante a academia das sciencias de Paris o direito de prioridade na distincção dos seres naturaes em quatro reinos — mineral, vegetal, animal, e humano, porque já antes de se começar a publicar a obra de Geoffroy Saint-Hilaire, havia escripto e publicado um livro, em que considerava a humanidade como um reino.

Já demos noticia da morte do mandarim Yeh, que teve logar em Calcutta; agora temos d'ella alguns promenores. Ainda que doente tres semanas, nunca se quiz medicar, nem se queixou de molestia. Conservou-se sempre de bom humor, permanecendo

intacta toda a sua originalidade. Longe de manifestar o mais pequeno signal de remorsos por ter feito decapitar, pouco mais ou menos, cem mil dos seus semelhantes, o unico sentimento que mostrou até ao ultimo instante, foi não ter podido exterminar até o derradeiro dos seus filhos.

Affirma-se que um dos editores francezes dos mapps de Italia já vendeu perto de tres milhões de exemplares. Um navio que partiu para Nova York levou uma carregação de centenas de milhares.

Em 1858 construíram-se em os differentes estaleiros de Portugal os seguintes vasos mercantes: duas galeras, quatro barcas, tres brigues, dez pahlabotes, tres patachos, dez hiates, um lugre, quatro cahiques, uma rasca, e dois cachemarins — total, quarenta embarcações.

Os zuavos offereceram ao rei Victor Manuel uma peça d'artilheria que tinham tomado ao inimigo, e ao mesmo tempo para testemunharem ao monarcha admiração pela coragem de que tem da-

do tão brilhantes provas, deram-lhe o posto de cabo no mesmo corpo!

Foi nomeado bispo de Cabo Verde, por decreto de 8 do corrente, o senhor João Chrysostomo de Amorim Pessoa, lente de theologia na universidade de Coimbra.

A *Virgem do Campo* é o titulo de um drama do senhor Oliveira Cardoso, conego da collegiada de Guimarães, e que vae ser representado n'aquella cidade por uma companhia de curiosos.

Os dizimos de cereaes e legumes, que se pagam no districto do Funchal, foram arrematados este anno por quinze contos de réis; mais tres que no anno passado.

A alfandega do Porto rendeu em 15 do corrente 3:504\$920 réis.

A *Gazeta de Madrid* já publicou o decreto que concede ao infante de Hespanha, D. Sebastião de Bourbon e Bragança, filho da nossa princeza a senhora D. Maria Thereza, todas as honras, dignidades, e condecorações que lhe foram tiradas no tempo de Fernando VII.

Dá-se como certo que em Nova York, mr. Wise resolveu o grande problema da navegação aerea.

O imperador Napoleon chamou, pelo telegrapho, o celebre photographo mr. Nodar, abrindo em seu favor um credito consideravel, para que parta immediatamente para o quartel general. Parece que o imperador tenciona fazer um ensaio de *photographia estrategica*, a qual, se o ensaio de bem succedido, poderá ser muito util em campanha.

No dia 7 do corrente houve uma terrivel tempestade em Cifuentes, na provincia de Guadalajara, derrubando a torre da igreja, edeixando cobertos de pedra os campos, de sorte que a colheita ficou toda arruinada.



Montanhas de marmore, em Carrara.

— Chegaram a Manilha uma bandeira, armas, e algumas moedas cochinchinezas, das apanhadas ultimamente em Saigon. A bandeira é das dimensões das dos nossos regimentos de infantaria, de cor vermelha, com uma faixa amarella ao redor, e um pequeno circulo azul no centro, terminando n'uma larga e forte ponta de ferro.

— As noticias estrangeiras dizem que ha grande movimento na diplomacia alemã.

— O rei de Sardenha enviou ao santo padre um dos seus ajudantes para o certificar da sua adhesão, e sentimentos religiosos.

— Garibaldi trabalha activamente na organização de corpos francos na Valtelina, paiz que está todo sublevado, e onde este chefe se poderá sustentar por muito tempo, por ser montanhoso.

— A mobilização do exercito prussiano põe em pé de guerra trezentos mil homens.

— Em Napoles publicou-se uma amnistia para os sentenciados por causas politicas.

— Ha grandes concentrações no exercito russo.

— Falla-se em movimentos na Hungria.

— Diz-se que o rei da Belgica vae a Londres, e attribue-se esta viagem ao desejo de secundar os esforços da Prússia em favor da paz.

— A esquadra franceza no Adriatico reforçou-se com mais alguns navios.

— As marchas dos alliados na Lombardia são uma continua ovação.

— Continuam com grande actividade as obras de fortificação em Gibraltar. O numero de artilheiros n'esta praça vae ser elevado a tres mil.

— A ultima hora transmite-nos o telegrapho noticia de outra grande batalha em Caprianna, junto a Peschiera. Durou o fogo desde as quatro horas da manhã até ás oito da noite, e a linha de batalha occupava a extensão de cinco leguas. Os austriacos tinham avançado para a direita do Minio, e repassaram depois o rio. Os alliados tomaram-lhes todas as posições, muita artilharia, muitas bandeiras, e seis mil prisioneiros.

— O boletim sardo, dando parte d'esta victoria, diz que ella foi ganha á custa de grandes sacrificios.

Montanhas de marmore, em Carrara.

São raros em a natureza os bellos marmores brancos; e por isso são cuidadosamente explorados os seus jazigos ou carreiras. A Grecia é tambem afamada desde tempos antigos pelos seus marmores do Pentelicon ou de Paros, e a Italia pelos de Carrara.

Vamos, portanto, fazer uma pequena digressão pelo Apenino, e visitaremos estas montanhas que a estampa nos representa.

Saindo-se do golpho de Spezzia, cuja bahia maravilhosamente abrigada, poderia proteger todos os navios do globo, chega-se, seguindo a vertente meridional do Apenino, a uma pequena planicie, de admiravel fertilidade, que tem poucos kilometros de largura, e está como encaixilhada entre os montes e o mar. Torneando para o norte eleva-se o solo pouco a pouco, e então as montanhas de Carrara se offerecem á vista do viajante.

«Quando as vi pela primeira vez» diz o autor de quem tomamos esta descripção «era nos ultimos dias de Abril, sua crista estava coberta de neve. Succedeu-me ficar extremamente confuso em quanto avançava para Carrara; parecia-me que as gargantas d'aquellas montanhas eram massas de neve accumuladas, que os calores da primavera ainda não tinham podido derreter. Em quanto buscava resolver este intrincado problema de Neves tão baixas resistindo á quente temperatura do clima, os objectos, á proporção que mais se iam desenhando, mostraram-me numerosas carreiras exploradas na faldada das montanhas. A alvura d'estas carreiras disputava primicias com a neve.»

A cidade de Carrara é dependencia do governo de Modena, e é um dos grandes rendimentos da casa ducal. Antes da revolução de 1848 o duque recebia um imposto sobre os marmores d'ali extrahidos, e era calculado sobre o volume, de sorte que os mais compactos não pagavam mais do que os menos pesados. Actualmente está mudada a forma d'este imposto, porque é calculado pelo peso da

pedra, e isto discontentou os habitantes porque o imposto aggravou-se consideravelmente.

Munido o viajante de um *cicerone* dirige-se por uma estrada mal reparada, e atulhada sempre de innumera multidão de carros que conduzem das montanhas á cidade o marmore que tem de ser trabalhado. E' pena que sendo tamanho o rendimento do imposto d'estes marmores, se não hajam lembrado de construir uma pequena via ferrea, o que decuplicaria a extracção da materia, e augmentaria ainda consideravelmente o mesmo rendimento.

Após uma hora de caminho chega-se ao jazigo d'onde se extrahem o marmore para a estatuaria. Este marmore é mais alvo ainda que o do Pentelicon, se bem que este ultimo tem sobre o outro a vantagem de se tirar em pedaços de grandes dimensões, como se vê nas columnas do Parthenon, que tem consideravel diametro. Infelizmente, os bancos de Carrara não são camadas compostas como a mór parte dos calcarios e rochas de sedimento. Além da inclinação consideravel das camadas principaes, o que é devido ao elevamento geral do Apenino, estes enormes maciços se dividem em mil veios quasi imperceptiveis, e raras vezes dão cubos de grande dimensão. E' preciso para obter grandes massas reunir pedaços de menor grandeza.

Nem só as montanhas que dominam Carrara possuem exclusivamente este famoso marmore: as suas carreiras continuam a estender-se de oeste para este até Petra-Santa, onde ha pedras tão alvas como as de Carrara, e com a mesma textura.

Todo o marmore que até hoje se tem extrahido pode comparar-se apenas a uma arranhadura sobre a epiderme do Apenino. Ha ali materia para extrahir por seculos incalculaveis.

A ribeira que passa por Carrara desce do Apenino, e serve para mover as mós das serrações de pedra. Este valle de Carrara é um dos mais bellos de Italia pela vegetação.

A cidade e villas que compõem a sua communa contém dezoito mil habitantes. Toda esta população trabalha exclusivamente em marmores, uns como esculptores, outros como simples obreiros: até mesmo os rapazes e raparigas ganham a sua vida nas montanhas. Ha na pequena cidade de Carrara mais de trinta officinas de alta esculptura, e tambem uma academia real da mesma arte.

Muitas ruas d'esta cidade tem ainda edificios construidos no seculo xiv, e mui notaveis. A igreja é um monumento que merece ser estudado.

Quadras historicas.

I.

O CHRISTIANISMO.

Deus formando o mundo, collocara n'elle o homem e a mulher para serem os reis da natureza. As promessas d'uma vida infinita; da tranquillidade da existencia passada entre prazeres castos e uteis, n'um maravilhoso oasis, não contiveram os rebeldes instinctos das primeiras creaturas. A desobediencia, o desprezo pelas leis do Senhor mancharam até á consummação dos seculos toda a posteridade de Adão. O crime commettido pelo primeiro homem transmittiu-se a todas as gerações. A esta primeira culpa seguiu-se outra: um assassinato foi perpetrado sobre a terra, que bebeu o sangue d'um escolhido do Senhor. O fraticidio corôa a obra de reprovação, encetada pelo primeiro homem.

Então o paraizo terrestre, mansão abençoada, já não é pouso dos homens. Deus expulsa-os d'esse logar de delicias, que, no seu amor pelas creaturas, lhes dera em herança. Proscritos da graça, dispersos no mundo, vão-se pouco a pouco deixando contaminar pelo mal, e em breve a raça, outr'ora escolhida, torna-se abominavel pelas ambições, e odiada aos olhos do Divino Pae.

Então desce á terra um castigo tremendo para aniquilar a humanidade. O diluvio varre de sobre a face do globo todo o genero humano. Só um homem, fiel observador dos preceitos divinos, é estremado d'uma raça inteira de perversos, para ser o pae de novas gerações. Surgido o mundo do cahos

a que fóra temporariamente reduzido, Noé, o eleito do Senhor, sae da sua arca de salvação para povoar a terra. Sem, o mais velho de seus filhos, recebe essa missão para a Asia, Cham para Africa, e Japhet para a Europa.

E' d'esta nova linhagem que Abrahão, o pae dos patriarchas, sae para receber de Deus a promessa da redempção.

Os homens, nas suas más tendencias, haviam-se afastado novamente da estrada do bem. O orgulho dos fundadores da torre de Babel, e as ferocidades de Nemrod irritam o Senhor, que escolhe então um povo para si. Abrahão é chamado a pastorear este rebanho d'escolhidos, e mandado fixar a sua morada na terra de Chanaan.

Ahi revela-lhe Deus o grande e sublime mysterio da futura redempção. E' a elle que o Senhor promete a vinda d'um Messias, que hade resgatar do peccado de Adão a humanidade, livrando-a assim da eterna condemnação.

Os povos começam então a anhelar pela vinda d'esse prometido. Esta esperanza propaga-se, passando de geração em geração, como alvo de todos os desejos.

Quatro mil annos decorrem, porém, sem que o desejado das nações, o verdadeiro Messias, appareça a consummar a obra sublime da redempção. Nascem novas seitas; e o paganismo triumpho por vezes sobre a religião dos hebreus.

Os povos gemem sob o despotismo dos tyrannos. As guerras, as intrigas, e os crimes propagam-se pelo mundo, avetando as sociedades.

Homens ambiciosos revestem-se do caracter de redemptores para virem ameaçar a humanidade de um tremendo castigo, ou revolucionar-a com suas prédicas incendiarias. Mas a verdade descobre a impostura d'esses falsos Messias.

A convicção prosegue sem se realizar; mas firme, no coração do povo hebraico. E' a consolação dos que morrem, e a esperanza dos que nascem.

A terra alaga-se do sangue, que os conquistadores fazem espargir, assolando o universo. As devassidões, auspiciadas pela idolatria, degeneram em barbaridades. Tudo é revolução. Caem os imperios, e sobre as suas ruinas elevam-se outros imperios. Vinga só o direito do mais forte. Incendiam-se as cidades, e sobre as suas reliquias assentam-se ufanos os conquistadores, como o tigre sobre as ossadas descarnadas da presa. A ambição devora os homens.

Depois d'esses quatro mil annos de ignorancia, de idolatria, de guerras exterminadoras, e de devassidões sem termo, surgiu uma luz, brilhante de bondade e sabedoria, que veio resgatar a humanidade—o christianismo.

As conquistas de Roma, que haviam feito gemer o mundo sob o seu poder oppressor e despotico, succumbiram em presença da revolução humanitaria que o Christo veio promover sobre a terra. O paganismo, que admitira as devassidões mais horrosas aos pés da Venus impudica, recuou ante os raios de luz que partiram do Golgotha. A humanidade, escravizada sob a tyrannia das distincções; acurvada ao jugo da gleba, ou perdida nas orgias do culto pagão, ficou regenerada com o baptismo do sangue do Homem-Deus.

Appareceu emfim o Messias, o esperado das gentes!

Florescia o imperio romano. Augusto, dominador do mundo, descansava, na paz universal, das lides da conquista. As aguias romanas tinham chegado ao zenith das suas glorias, quando a Virgem Maria deu á humanidade o seu redemptor.

Sob um humilde tecto, e n'um berço ainda mais humilde, escolhe o Salvador o logar que deve primeiro receber-o. E' d'ahi que dá principio á sua grande obra.

E apesar da obscuridade que lhe circunda o nascimento, é conhecido em toda a parte. Cumpriram-se o vaticinio dos prophetas: nascia o rei do mundo, e todo o mundo o saudava. Herodes cuida poder afogar em sangue a revolução que vae operar-se no mundo. Começa a perseguição; mas o filho de Deus sae incolume d'essa primeira.

O Senhor não se esquecera da promessa feita a Abrahão e á sua descendencia. O Messias era afinal chegado, pregando uma nova religião, toda mo-

ral e virtude. A Divindade desce a confundir-se com a humanidade para resgatar do peccado a raça amaldiçoada dos homens!

O sacrificio a que vem expôr-se deve ser tremendo, como immensos são os crimes que estigmatizam a especie humana. No seu amor de pae, o Senhor dos exercitos não quer a omnipotencia senão para a humildade do perdão.

O mundo admira a suprema resignação com que a flor de Judá toma o nome de Christo, no baptismo do seu proprio sangue.

Os despotas, assentados nos seus thronos do acaso, abominam essa nova realza, que surge de uma tribu da Judéa, e que, mesmo humilde, é cheia de grandeza e magestade. Para elles, urge cortar rente essa planta, que pode crescer e usurpar-lhes o seu injusto predomínio.

Mas enganavam-se. O Christo não invejava as vãs realzas da terra, e tampouco a soberania sobre os povos. Toda Jerusalem lhe ouviu estas palavras: «Dae a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar.»

O Filho de Deus deixava um throno no ceo, não era para vir trajar os ouropéis cá da terra, sobre os thronos vacillantes e inglorios do mundo.

Viam-no, humilde no traje e no aspecto, atravessar as turbas, derramando a sua palavra sagrada, rescedente dos castos perfumes da crença e do amor.

Viam-no olhar para os soberbos atrios dos palacios, e passar além, e ir curar as agonias e as dôres nos casebres do pobre, ou derramar as consolações do arrependimento no coração dos peccadores.

Viam-no menosprezar os orgulhosos e os potentés, e achegar-se para os escravos e os humildes.

Foi grande, nobre, e sublime a missão de Jesus!

Não foi só perdoar um crime á humanidade; foi resgatal-a e emancipal-a, offerecendo-se elle mesmo para victima expiatoria.

Foi ao christianismo que os servos deveram a sua emancipação, e a humanidade a maior parte dos seus progressos. O christianismo foi a alforria dos escravos e dos opprimidos. Do pendão regenerador, arvorado pelo Messias, partiam a liberdade e o amor.

Cerrando o abysmo da culpa, o christianismo abriu caminho ao desinvolvimento do genero humano. Do cume do Golgotha, assim como partiram as faiscas de fé, de esperanza e de crença, que deviam espalhar-se mais tarde por todo o universo, derramaram-se tambem as scentelhas de sabedoria, que tem illustrado a humanidade, de geração em geração. No lenho sagrado encerra-se o foco d'esse immenso sol que hoje illumina a terra, e cujos raios, prolongando-se sempre, augmentam successivamente de fulgor.

Parece que da aureola de luz que circundou a cabeça do Homem-Deus partiu o clarão que pouco a pouco tem aniquilado as trevas da ignorancia. O christianismo é a liberdade, é a virtude, é a sabedoria.

As contradicções, que os homens procuram ver á luz de uma vã philosophia, desfazem-se perante a logica dos factos, e em face dos argumentos irrefutaveis, que as peripecias do grande drama da humanidade fornecem á intelligencia do homem.

Se ás vezes os effeitos (deturpados quasi sempre por narradores apaixonados) parecem desmentir a santidade da causa que os tem promovido, é só á maldade humana que cumpre attribuir esses desvios. Os interesses terrenos são quem os tem desencaminhado.

Mas a causa, apezar dos disturbios humanos, proseguiu e prosegue pura e santa, como a fonte d'onde saiu.

A palavra de Deus, pregada pela bocca do Messias, só respirou doçura e fraternidade. Saida da bocca dos homens, veiu adulterada. Se os encarregados de manter a religião na sua pureza se tem arredado um pouco do seu fim; se os ministros da religião tem, em todas as epochas, procurado engrandecer-se, em vez de humilhar-se, como Deus lh'o ensinara, é aos instinctos humanos que isso deve ser attribuido. A cubiça, a ambição, a sede insaciavel das commodidades e do predomínio, é verdade que se escondem debaixo do burel do religioso, ao abrigo das muralhas dos mosteiros; mas tudo isso vae de encontro as doutrinas christãs. No

christianismo bebe-se a virtude, e não a maldade; a religião proscreve o crime. Magdalena, a peccadora, desde que abraçou o christianismo deixou de ser a transviada para ser a santa arrependida.

E tem-se passado dezoito seculos, desde que o Messias veiu propagar a nova lei! Já lá vão mil e novecentos annos, desde que os montes de Bethlem escutaram as ovações dos pastores, e os povos do Oriente viram fulgir a estrella dos Magos! E milhares sobre milhares de obstaculos se tem opposto á propagação da palavra de Deus; mas ella tem vencido todos os escolhos. A lei da graça, a só verdadeira, tem conquistado palmo a palmo o coração do genero humano, destruindo as seitas que o dividiam. O porvir ligará de todo os povos do universo, pela unidade da crença.

Nem as perseguções, nem o martyrio, poderam affrouxar o zelo e a fé dos apóstolos do christianismo.

A ferocidade de Nero e Domiciano afogou em sangue as aspirações dos povos para o culto christão; mas cada dia surgem novos convertidos, firmes e tenazes na sua crença, mesmo no meio do martyrio. Dez vezes a Igreja é sanguinariamente perseguida; outras tantas porém reaparece fulgurante das glorias dos seus innumerados martyres. Decio, o imperador, á força de sangue derramado, consegue fazer apostatar alguns christãos; mas em vez de ser seguido este exemplo, a indignação traz novos convertidos, e os renegados são depois os mais contrictos.

E as gerações passam umas apoz outras, e todas se curvam perante a magestade do berço de Bethlem, e do supplicio do Golgotha!

Reconhecem que a sua nova civilização, grande pelos principios que a constituem, é devida, em grande parte, ao christianismo. Foi esse grande facto na vida do mundo que nos trouxe a felicidade real, pondo freio á desmoralização dos costumes, que o paganismo, conduzido pelas armas romanas, propagara na terra.

E não venha a philosophia suspirar a incredulidade sobre os mais santos preceitos da religião de Jesus. A contricção dos athenes prova a justiça da causa christã. Os philosophos, cuja vida se escoara no abysmo da descrença, na zombaria eterna de tudo quanto era religioso e santo, tem bradado: «perdão» na hora da sua despedida da terra.

N'esses momentos em que a vista do homem parece mergulhar-se facilmente na eternidade; em que Deus concede ao moribundo um raio de maior intelligencia, avulta a convicção das verdades religiosas! Na vida, esquecidos de Deus pelo conhecimento dos crimes do mundo, é facil ser atheu; á hora da morte todos os homens são crêntes; todos reconhecem a existencia de um Ser Supremo!

E' assim que o christianismo triumphal!

Se a palavra não convence, o quadro da eternidade que se abre diante de nós nunca deixa de o fazer. E para o arrependido ha as flores do perdão, regadas no Golgotha com o sangue do Christo.

Porque foi a remissão da culpa original, que o Homem-Deus veiu realizar na terra.

Porque foi o perdão, que o Christo implorou de seu Divino Pae no momento de pagar á humanidade o tributo do aniquilamento physico!

E' nas conversões e nos arrependimentos que existem as maiores glorias do christianismo. Transpondo os seculos, a Cruz hade perpetuar-se d'idade em idade, creando em cada geração novos apóstolos. Firme no alto do Calvario, o symbolo da religião christã encara o mundo, que lhe ajoelha em redor, esperando o ultimo dia da humanidade.

Bem o haviam dito os prophetas de Syão: O Redemptor daria ao mundo novas leis, que vingariam até á consumação dos seculos.

Começará n'um canto da Judéa, o christianismo chegará aos confins do universo, derramando a moral, o amor e a fraternidade.

Gloria ao berço de Bethlem!

A. H. D'OLIVEIRA PIRES.

O lago de Garda.

O reino Lombardo-Veneziano é o jardim da Italia. A pureza do ceo, e a benignidade do clima juntou a Providencia quantos dous podem fazer a

terra formosa e fadada para a ventura. Deu-lhe planicies extensissimas de uma produção maravilhosa. Cortou esses campos sem fim de inumeraveis rios, que os regam e fertilizam. Cercou-os de montanhas altissimas, e fez que das entranhas d'estas brotassem mananciaes copiosos, de que se formassem vastos lagos, de margens deliciosas, e propicios á navegação e ao commercio.

Não se limitou á terra o condão da Providencia. A sua benefica acção estendeu-se tambem aos homens, e aquelle paiz tem tido heroes em todos os generos de heroismo, sabios em todos os ramos da sciencia, e artistas eminentes em todas as variações da arte.

Sem alguma circumstancia malefica, que neutralizasse tantas condições afortunadas, seria este paiz um verdadeiro paraíso terrestre. Porém, como no mundo não ha felicidade completa, estando n'elle todo sujeito á lei das compensações, que ora attenua o mal com algum bem, ora modifica o bem com algum mal, quiz Deus em seus insondaveis decretos, que essa terra fosse em todas as edades o pomo de discordia lançado no meio da Europa, um incentivo de invejas e ambições, um campo, enfim, de continuas luctas entre os potentados, que demoram áquem e além das suas fronteiras.

As aguias de Roma, os estandartes dos godos e dos suevos, o pavilhão de Carlos Magno, a bandeira dos Capetos, os leões de Castella, os lizes da França, e finalmente as aguias de Napoleão e da Austria, ahi tem disputado, palmo a palmo, em guerras sanguinolentas e porfiosas, a posse d'esse paiz, por seu mau fado formoso e rico.

A sua historia compõe-se de longos capitulos de oppressão e devastações. Oppressão imposta umas vezes pelo direito da legitimidade, outras vezes pelo da conquista, agora em nome da liberdade, e logo no dos tratados. Sempre a mudar de senhor, e sempre mais ou menos escravo. E em todas as mudanças devastado e espoliado.

D'esta vez, como em 1796, levaram-lhe os francezes a guerra, invocando a liberdade e independencia do solo invadido. Então os austriacos foram expulsos, como agora o vão sendo. O vencedor cumpriu as palavras, que trazia escriptas na sua bandeira. A Lombardia foi constituída em nação independente e livre, com o nome de republica Cisalpina. Passado porém não muito tempo transformou-se a republica Cisalpina em uma provincia do imperio francez, onde imperava absoluta a vontade de Napoleão I.

Agora, como os tempos são outros, e os homens diversos, dizem que já lá vae a epocha das ambições e das conquistas. Será confiar demasiado nos aperfeiçoamentos do coração humano. Mas tudo é possivel, querendo Deus.

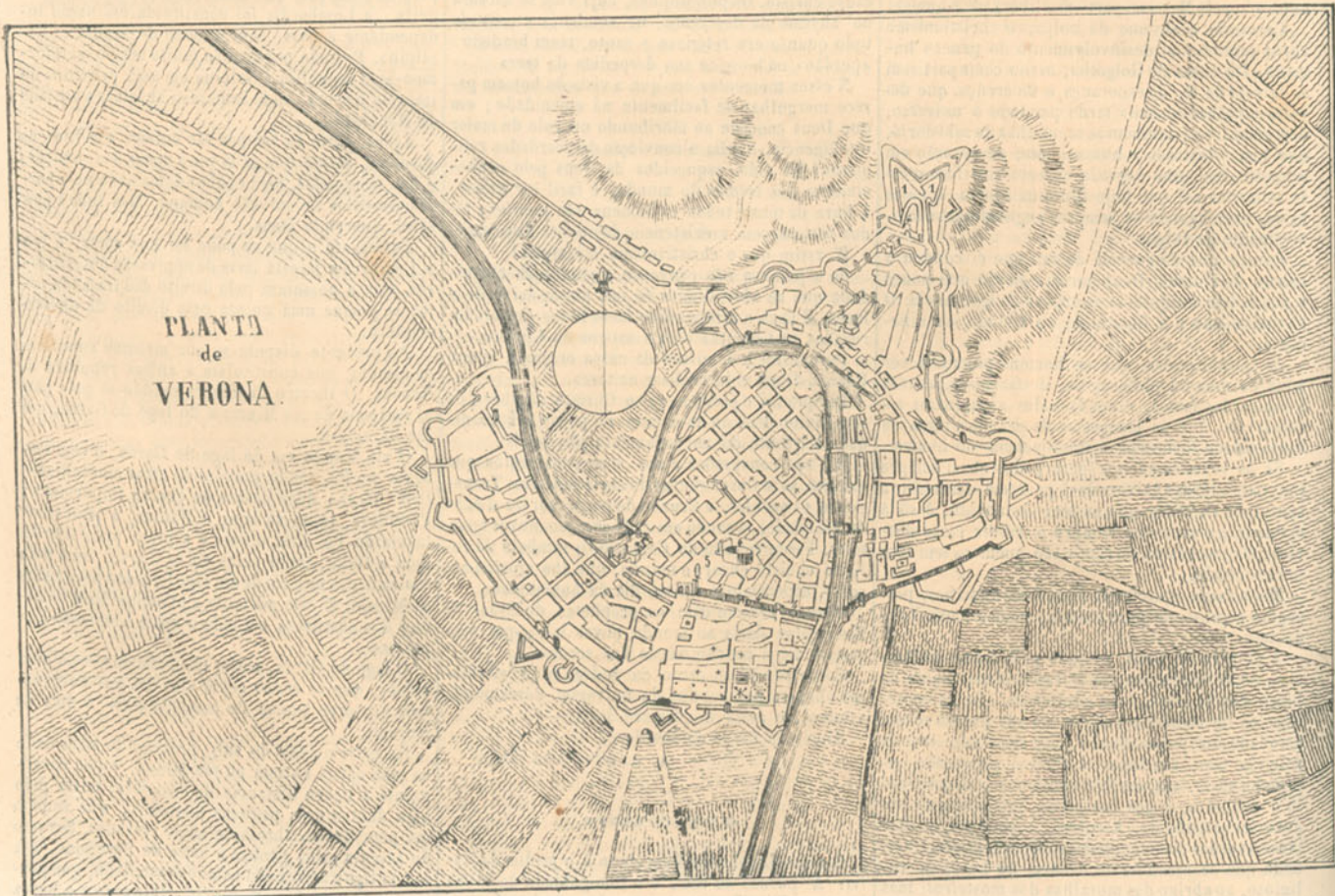
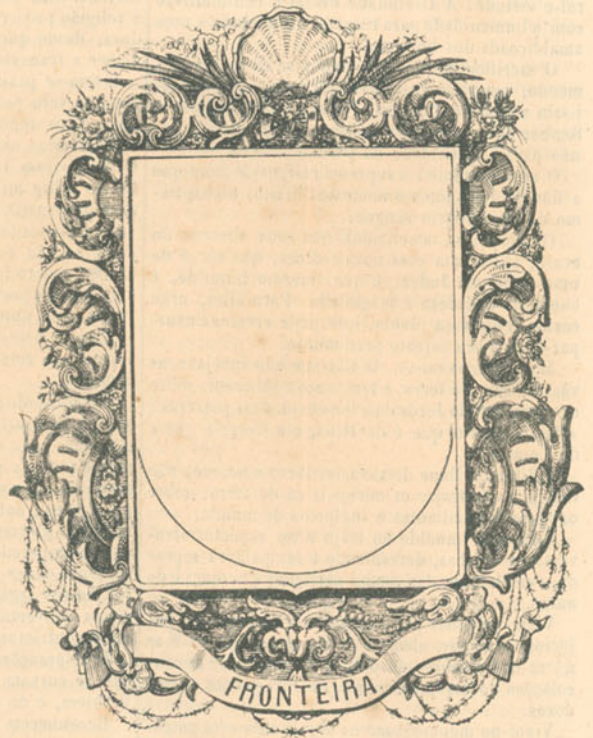
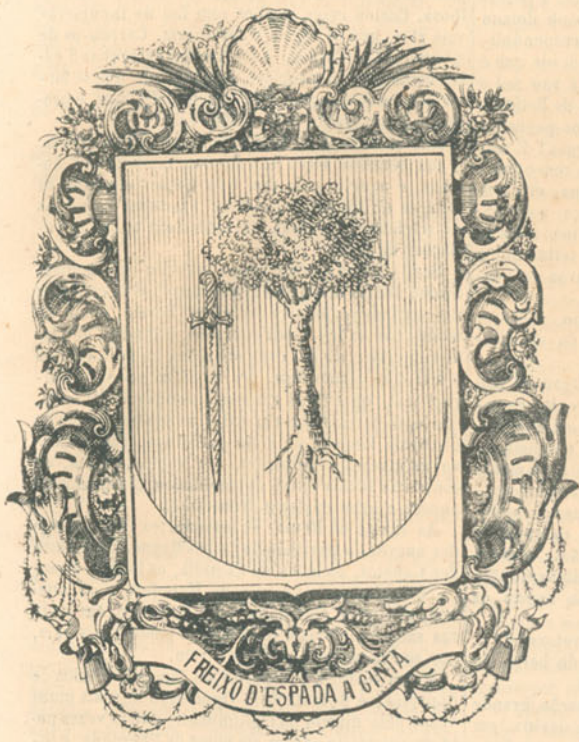
Entretanto o que se pode ter por certo, é que a Lombardia já está livre da oppressão dos austriacos, que a possuíam pelo direito dos tratados, como se possuiu uma quinta pelo direito de uma escriptura.

Ao presente disputa-se aos mesmos austriacos os estados, que constituíam a antiga republica de Veneza. O theatro da guerra mudou-se pois para as margens do rio Mincio e do lago de Garda, que lhe dá origem.

O rio Mincio sae do lago de Garda, e vem desaguar no Pó, tendo percorrido umas cincoenta milhas. Banha duas praças de guerra importantes: Peschiera, junto ao lago, e Mantua, a pouca distancia do Pó. Esta ultima é a praça mais forte de toda a Italia, tanto pelas obras d'arte, como pela sua situação no meio de um lago formado pelas aguias do Mincio. E' esta portanto a principal linha de defesa dos austriacos em todo o reino Lombardo-Veneziano.

O lago de Garda, assim chamado do nome d'uma cidade, que se ergue sobre uma das suas margens, tem quatorze leguas de comprimento, e uma de largura.

Na extremidade do sul, proximo do sitio onde as suas aguas entram no rio Mincio, e por conseguinte a pouca distancia de Peschiera, entra pelo lago dentro uma pequena península, que remata em penedias escabrosas e muito elevadas. Servem de assento estas penhas á alca de Sermione, e a um antigo e arruinado palacio acastellado, que pertenceu aos celebres Scaligris. Hoje cresce a herva



1 Castello de S. Felix. 2. Castello de S. Pedro 3 Castello velho. 4 Muralha da cidadella 5 Praça de Bra. 6 Anfiteatro. (+) Indica as igrejas



Lago de Garda (reino Lombardo-veneziano)

nas galerias, onde n'esses tempos remotos passeavam nobres damas e cavalleiros, e cobre-se de cardos e figueiras bravas o asilão em que outr'ora soava a voz dos trovadores.

A estampa junta mostra o castello e aldêa de Sermione, e no fundo a pequena cidade de Rivoltella.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A respeito da planta de Verona, que damos em estampa no presente numero, remettemos os nossos leitores para o artigo inserto no da semana passada.

A villa de Freixo d'Espada á Cinta.

Esta villa está edificada na provincia de Tras-os-Montes, a uma legua de distancia do rio Douro, que ali divide Portugal de Hespanha. Dista da villa da Torre de Moncorvo cinco leguas para sueste.

A epoca da fundação da villa, a etymologia do seu nome, e a origem do seu brasão d'armas é tudo materia duvidosa. João de Barros nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho* dá-lhe por fundador um fidalgo do appellido Feijão, primo de S. Rosendo, que morreu no anno de 977; e diz que por este fidalgo trazer por armas uns freixos e uma espada, ficaram o freixo e espada por nome e armas á villa.

Se se der credito, porém, á tradição, foi um capitão godo, chamado Espadacinta, que, chegando áquelle sitio cansado de uma batalha, e deitando-se á sombra de um grande freixo, que ali havia, deu á arvore o nome de Freixo d'Espadacinta. Este nome passou á povoação, que pouce depois se começou a edificar; a qual em memoria do caso, tomou por armas um freixo e uma espada em campo vermelho.

No principio do seculo passado existia junto á egreja matriz um freixo colossal, cercado de assentos, que não sabemos se ainda se conserva, e que os habitantes tinham em grande estima como sendo o proprio d'aquella lenda.

Deixando estas noticias incertas, e vindo a epocas mais conhecidas, diremos que nos primeiros tempos da monarchia padecceu muito esta villa com as guerras de Castella. Nas dissensões, que houve entre el-rei D. Afonso II e suas irmãs, entrando os loonezes no reino em favor das infantas, foi a villa por elles roubada e assolada. No reinado seguinte, de D. Sancho II, veio pôr-lhe cerco o infante D. Afonso, filho de D. Fernando III de Castella. D'esta vez resistiu valorosamente ao inimigo, que não conseguiu entrar-a.

Deu-lhe foral de villa el-rei D. Manuel; e tinha voto nas antigas córtes com assento no banco decimo.

Tem uma só parochia, cujo templo dizem ser obra de el-rei D. Diniz. Attribue-se ao mesmo monarcha a fundação do seu castello, que se ergue sobre um oiteiro contiguo á povoação.

Ha na villa umas dez ermidas, e doze fontes de má agua. A população anda por mil e trezentos habitantes. As principaes produções do termo são: azeite, cereaes, vinho, e poucas fructas. Cria porém bastante gado. Tambem tem criação de bichos de seda, que outr'ora constituiu um ramo muito importante da sua industria, exportando para todo o reino muita variedade de manufacturas de seda, principalmente tafetás e meias. Hoje, como a maior parte das povoações de Tras-os-Montes, acha-se em muita decadencia pela falta de boas communicações.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

XVIII

Continuação.

Para quem se julga, com razão, infeliz, e cuida constantemente no modo de tornar-se feliz; que no recolhimento profundo da noite pensa nos passos

perdidos do passado, nas esperanças mallogradas do presente, em tudo que fez sem resultado e em tudo que hade fazer ainda; os momentos da vida, marcados pela pendula do relógio, teem realmente —no dizer do padre Antonio Vieira—esta triste e monotona expressão — sempre! nunca! sempre! nunca! sempre! nunca! . . .

Sempre a trabalhar, e nunca a chegar! sempre a esperar, e nunca a alcançar! sempre a desejar, e nunca a obter!

Tal é a sorte de muita gente! E quando lançam um olhar saudoso para os dias, tão cheios de sol, da mocidade, a vida parece-lhes uma noite de gelo, por entre a qual andam perdidos até tropeçarem no tumulo.

Eduardo soffreu como muitos homens teem soffrido: não temos a vaidade de querer estabelecer novidade na causa do seu soffrimento nem no modo porque o sentiu. Identificou-se com as suas magoas, como todos se identificam; e curvou a cabeça ao pensamento fatal do — tem de ser!

N'isto lhe passara a quadra mimosa da juventude, aquelles dezoito a vinte e dois annos tão cheios de meigos accidentes; e idade que parece depois fabulosa, quando do meio de um viver mais preciso e duro nos lembramos com saudade de um dia, de um nome . . . ou de uma d'essas noites em claro, em que a madrugada veiu surprehender-nos mais cansados do que fartos de illusões. Edade maravilhosa em que o principio vital nos parece inexgotavel; em que não ha prazer que nos sacie; em que caminhos descuidados sem nos cansarmos a pensar onde aquella estrada hade levar-nos . . . amando e desamando, crendo e descrendo, com a mesma facilidade, a mesma indifferença, o mesmo gosto; contentes entre as magoas, tristes entre os prazeres; felizes por uma contradicção, desgraçados por uma felicidade; caprichosos, ardentes, amigos de todos, e só inimigos de nós mesmos!

E' muito áquem d'esta idade bella, que nós paramos um dia no caminho, e á sombra de uma recordação mais doce, olhamos para o passado, ainda que triste nos tivesse parecido, e reconhecemos na saudade que d'elle sentimos, quanto pelo contrario foi como acima o descrevemos. Esta sensação pode comparar-se á que experimentamos quando, ao sair de Lisboa onde a sorte nos pareceu pouco favoravel, lhe lançamos de fora da barra uma vista de despedida: é então que temos saudades d'esses mesmos dias que tão maus ali passámos . . . dizendo involuntariamente ao cair de uma lagrima: O' minha Lisboa! . . .

Foi sob a influencia d'esta sensação que Eduardo escreveu um dia, d'esse passado que tão triste lhe tinha parecido:

Era esta vida em que vingavam flores,
Um ceo aberto! Era a benção de Deus!
Era a ventura, no radiar das côres
Que espalha o sol ao resurgir nos ceos!

O tempo que passa é sempre o melhor!

CONCLUSÃO.

PRIMEIRA PARTE.

Triste coisa é para quem escreve ter de concluir. A conclusão de certos pensamentos existe muitas vezes com mais força no modo indeterminado com que se apresentam do que na idéa com que intentassemos precisal-os. Mas o leitor pergunta de ordinario no fim da obra pelo que succedeu ao heroe: o seu desejo é vulgarmente vê-lo nascer, crear-se, engatinhar, andar, viver e morrer, com todas as particularidades possiveis d'essas diferentes phases da existencia.

Já ouvimos perguntar, no fim da leitura de um romance de Paulo Feval, se o *homem* tinha expirado *sem sacramentos*!

Um livro é necessario que seja um livro: que principie no principio e acabe positivamente no fim. Ha leitores que não reconhecem outro fim no livro, senão o fim que os editores lhe escrevem com letras garrafas na ultima pagina, depois de tudo contado e minuciosamente explicado até ao fim.

Já tivemos um editor, que, a rogos de alguns leitores, nos pediu sinceramente o favor de continuarmos um romance além do fim que o autor lhe tinha dado; e para isso, dizia o editor, prometti reimprimir o romance sem lhe escrever «Fim» na ultima pagina; d'este modo entender-se-ha que *continua*.

Conclue-se d'aqui, ser historia o fim material de qualquer romance. Ponha-lhe o autor um fim verdadeiramente moral, que assim lhe terá dado o melhor de todos os fins possiveis. Entretanto, não obstante termos feito todas as diligencias para assegurar a este nosso incorrecto trabalho o fim moral do pensamento, vamos intentar o fim positivo da sua tão insignificante acção.

Eduardo tinha-se envenenado: perdão—tornou-se redactor de um jornal politico: passava todas as suas noites a ouvir *tirar provas*, e a produzir assumpto para novas provas. A politica era o cahos onde lançava todos os seus pensamentos, todas as suas idéas, e d'onde esperava a realidade de todas as suas novas esperanças, semelhante ao alchimista que, debruçado sobre o cadinho, espreita o momento de tirar do seio da lava o precioso metal que e hoje o rei do mundo!

Mas para *aquelle officio* faltava-lhe a qualidade de pensar o que não se escreve, e de escrever o que não se pensa; como faz quem sente a absoluta necessidade de ser mais util a si proprio do que ao paiz.

Eduardo antepunha muitas vezes os interesses do paiz aos seus, com o que alterava, sem saber, os interesses d'outros redactores, e via-se constantemente contrariado por todos, sem comprehender bem porque!

O seu jornal ameaçava ruina.

Eduardo suppunha já não poder ter *novas esperanças*, quando recebeu uma carta que para sempre lh'as plântou na alma.

«Meu querido Eduardo: meu irmão. Ha bastante tempo que te não escrevo; ter-me-has, aposto, chamado ingrata! não o sou. Carta sem assumpto de que serve? Caixa vazia, que só pela elegancia da forma pode interessar-nos: cartas assim, apreciáveis só pelo estylo, não sei eu escrever.

Estou em Madrid, e estou viuva. Uma questão, de que nunca intentei saber a causa, deu logar a um duello de que meu marido não voltou vivo. Mandaram-me uma carta anonyma, indicando o nome do assassino, para eu o perseguir; mas, apezar da minha saudade e do meu pranto, não posso dar a esse homem o deshonroso epitheto de assassino, porque foi no campo da honra que o seu ferro atravessou o coração de meu pobre marido: rasguei a carta, e entreguei-o ao juizo e á justiça de Deus.

Dois casos extraordinarios, que me succederam ao mesmo tempo, tanto me alvoroçaram o espirito, que estou como estúpida, sem saber o que faça.

O primeiro já t'o contei. O segundo foi a noticia que me trouxeram, uma hora depois de viuva, de haver-me favorecido a sorte com o premio grande d'esta loteria. Aborto de felicidade! Ah! desculpa-me, querido irmão: bem te disse que eston quasi estúpida: pobre marido!

Andam todos atrás de mim de modo que me faz raiva!

Tanta liberdade, e tanto dinheiro! Já era rica: agora estou riquissima!

Que posso eu gosar, mais do que já tenho gozado, com este dinheiro? que posso comprar com elle? . . . Só se for o mundo. O mundo é tolo: não amo ninguém; gosto só de ti, e só posso considerar-me feliz, sobre a minha felicidade, vendo-te feliz a ti. Não pago uma divida: satisfação um desejo. Envio-te estes valores realisáveis de cem contos, sobre essa praça de Lisboa, e espero-te, para irmos viajar todos tres, quero dizer, todos quatro: eu, tu, Maria e Violante.

Estou muito triste! E' preciso que me distraiam.»

«Adeus do coração da tua irmã»

ELISA.

Eduardo empallideceu. A' força de estar habituada a receber choques imprevisos, e de resistir-lhes

com superior coragem, o seu espirito não se allowo-rou ao receber a noticia da felicidade. Tendo realisado a somma que os valores fixavam, voltou a casa; fechou as portas e as janellas do quarto; e no meio d'aquella noite improvisada em pleno meio-dia, lançou o dinheiro sobre a mesa, sentou-se, e, mettendo as mãos pelo oiro, encostou em cima d'elle a cabeça: assim permaneceu immovel, completamente extatico.

Acordou d'aquella profunda apathia, ao ouvir repetidas pancadas na porta, como que se quizessem arrombal-a. Ia levantar-se: mas a porta estorou e bateu com violencia contra a parede. Espalhou-se então pela casa o avermelhado reflexo da luz de uma lanterna. Eduardo pegou vivamente nas suas pistolas, engatilhou-as, e, pallido, desfigurado, com os olhos apantados, e os cabellos eriçados, pergunteu com a voz rouca e tremula:

— Quem está ahí?

— Perdão, senhor Eduardo, respondeu o criado. Como ia já em tres dias que o senhor não saía do quarto, nem eu aqui via luz, nem sentia mexer, fui dar parte para se arrombar a porta.

Eduardo tinha modificado certas idéas. Acordando d'aquelle verdadeiro somno de oiro, que havia durado tres dias e tres noites, pensou em realisar quanto, durante esse tempo, sonhara.

Como em conto de fadas, depressa uma das melhores e mais bem situadas casas de Lisboa foi convertida n'uma especie de paraíso, no qual era facil, ao lado de uma mulher de espirito, esquecer por momentos os trabalhos da vida, ou a insipidez de uma vida sem trabalhos; que é pouco mais ou menos um quadro sem claro-escuro.

A sala azul, principalmente, ornada de moveis quinhentistas, e de quadros a oleo, que, se não tinham, como os de um palacio Brignola, Durazzo ou Doria, o merito superior do pincel de Van-Dick, não deixavam de merecer a attenção dos portuguezes, porque eram obra superior de artistas nacionaes, de quem já annunciavam, lisonjeiros, um futuro distincto; parecia digna de attenção, porque dava a conhecer o caracter reflectido de Eduardo, nascido do arrojo da sua imaginação de vinte annos, e firmado pela experiencia dos trinta, aos olhos de quem soubesse ler nos objectos de que nos rodeamos o estado do nosso espirito, em relação á sociedade.

Outra sala, a que chamaremos *vermelha*, era, por assim dizer, filha do reflexo ainda lisonjeiro que o presente recebia do passado. N'esta, havia uma soberba jardineira, no meio da qual se elevava um bello vaso de cristal contendo formosas camelias brancas. Parecia que estas camelias, collocadas ao centro de uma sala forrada de papel vermelho, com cortinas vermelhas, e o estofado dos moveis tambem vermelho, symbolisavam alguma coisa de particular e intimo da vida passada de Eduardo. Se nos lembrarmos de uma camelia branca, por elle tirada do cinto de Maria n'uma das noites que mencionámos n'estas memorias, talvez achemos facilmente o caprichoso sentido com que Eduardo fizera ornar assim aquella segunda sala.

A maneira d'esta, quasi todas as casas estavam de tal modo preparadas, que tinham referencia a algum dos melhores momentos da sua vida. Era uma especie d'*album* em relevo, que podiamos folhear muito á vontade, andando dentro d'elle, sem receio de encontrar maus versos.

Eduardo tinha calculado a sua fortuna de um modo particular. Depois de concluido o seu paraíso, guardou o resto n'um cofre, que foi collocar na sala vermelha, contando não lhe tocar, nem d'elle tirar vantagem alguma commercial, antes de ter a certeza do bom exito das suas immutaveis intenções.

Notava-se na physionomia do criado, uma tarde que Eduardo subia para uma sege, não sabemos que expressão de dor d'alma, que despertava curiosidade: mórmente quando Eduardo, já dentro da sege, lhe deixou cair, com toda a quietação e firmeza de espirito, estas palavras:

— Se eu não estiver de volta ás nove horas, ás dez espero noticias suas!

O criado suspirou, olhou com tristeza para a casa, e respondeu, encolhendo os hombros:

— Albarde-se o... á vontade de seu dono. A sege rodou. Continua. ALFREDO HOGAN.

A villa de Fronteira.

Na provincia do Alemtejo, a quatro leguas norte da villa d'Estremoz, e cinco este da de Aviz, achase situada a villa de Fronteira em logar alto, mas plano.

A primeira fundação d'esta villa foi no seculo XIII, sobre um oiteiro visinho, chamado mais tarde Villa Velha. Parece que foi seu fundador D. Fernando Rodrigues Monteiro, quarto mestre da ordem de S. Bento de Aviz.

No seculo seguinte, por estar a povoação arruinada com as guerras dos moiros, ou por outras razões, dizem que el-rei D. Diniz a mudara para o sitio em que se acha, começando a denominar-se Fronteira por ficar defronte da outra, que se abandonou.

Ha outra opinião, que pretende que este nome lhe veio da circunstantia de ser edificada mesmo na fronteira das terras ainda então occupadas por moiros; o que só se pode referir á fundação primitiva.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em Julho de 1512; e entre as suas prerogativas tinha a de gozar de voto em côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo-segundo. O seu brasão d'armas consiste simplesmente em um escudo de prata, sem mais divisa.

Como documento da sua antiguidade ainda possui um velho castello, que se attribue a el-rei D. Diniz. Tinha uma cêrca de muralhas com sete torres, hoje em grande parte destruida.

Consta a povoação de uma só parochia, da invocação de Nossa Senhora da Atalaya, titulo que lhe foi posto pela rainha Santa Isabel. Tem casa da misericórdia, hospital, e varias ermidas; e teve um convento de Santo Antonio dos Capuchos da provincia da Piedade.

Nos suburbios d'esta villa, em um sitio chamado a Cerejeira, que fica no valle da Amoreira, descobriram-se em principios do seculo passado algumas peças de oiro de muito peso e valor, que se reputaram romanas. Por esse tempo viam-se n'este sitio vestigios de edificios antigos.

Tambem não longe de Fronteira deu-se a celebre batalha dos Atoleiros, em que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira derrotou completamente os castelhanos.

O termo de Fronteira é de muita fertilidade. Corta-o a ribeira d'Aviz, ou Zeta, que passa a um quarto de legua da villa. Tem muitos e excellentes montados, onde se cria bastante gado. Produz muito trigo e azeite, algum vinho e fructas. É abundante de caça.

Fronteira conta uns mil oitocentos e quarenta habitantes. El-rei D. Pedro II creou marquez de Fronteira o segundo conde da Torre, D. João Mascarenhas. O representante d'esta illustre casa é hoje o setimo marquez.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Noticias biographicas dos personagens da actual guerra d'Italia.

Os generaes Mac-Mahon, e Regnaud de Saint-Jean d'Angely, acabam de ser elevados á dignidade de marechales de França, em consequencia da batalha de Magenta.

O primeiro, que, além do posto, foi nomeado duque de Magenta, commandou n'esta acção o segundo corpo do exercito de Italia, inteiramente composto de tropas aguerridas nas expedições d'Africa, e da Criméa.

Mac-Mahon é um dos mais novos e mais brilhantes officiaes-generaes do exercito francez. O seu nome indica que é de origem irlandeza. Nasceu em 1807. A sua familia tinha seguido a fortuna dos Stuarts, e ficara em França. Capitão em 1837 distinguio-se na tomada de Constantina. Em 1845 era coronel; em 1848 general de brigada; em 1852 general de divisão. A campanha da Criméa elevou-o á dignidade de senador, e grã-cruz da Legião

de Honra. Antes de partir para a Italia, exercia o commando superior das forças terrestres e maritimas de Argelia.

O marechal Regnaud de Saint-Jean d'Angely nasceu em 1794. Filho do celebre Regnaud de Saint-Jean d'Angely, fez, como tenente, a campanha da Russia. Na occasião da queda do imperio era chefe de esquadrão. Deixou o serviço em 1815, mas fez a campanha de Moréa na qualidade de voluntario. Tornou a entrar no quadro do exercito depois da revolução de Julho, e foi nomeado coronel do 1.º de lanceiros em 1832; general de brigada em 1840; general de divisão em 1848. Commanda desde 1851 a guarda imperial. Foi representante da Charente-Inferior na assembléa legislativa, e ministro da guerra em 1851.

Chabron é coronel do terceiro regimento de zuavos, que teve importante parte na batalha de Palestro. É um dos officiaes mais conhecidos no exercito pelo seu valor; e a sua carreira militar é tão longa como honrosa. Só á antiguidade deveu o seu posto de chefe de batalhão, depois de servir como capitão doze annos. A 22 de Fevereiro de 1852 foi nomeado chefe de batalhão do 52 de linha, e começou n'este regimento a campanha da Crimea. Na batalha d'Alma ganhou a cruz de official da Legião de Honra, e na de Inkerman o posto de tenente-coronel. Depois da tomada de Sebastopole foi nomeado coronel a 22 de Dezembro de 1855, e commandante do 3.º de zuavos, com o qual fez recentemente a campanha da Kabília.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA XIII.

OS MESMOS, D. MENDO interpondo-se, franqueando saída a Sísando, e sopeando com vigor irresistivel o braço de CASTINALDO.

D. MENDO — Deixe-o passar, Castinaldo! SÍSANDO (*brandindo o ferro*) — Assim o quizes-tes, algozes. Agora tremei! (*sae*). CASTINALDO — Tremo elle, se eu puder alcançal-o! (*segue-o*).

SCENA XIV.

D. MENDO, D. BRITALDO, ALVA soluçando de parte.

ALVA — Está consummado, senhor!

D. MENDO — Vêdes, D. Britaldo, vêdes o que ora saíu d'aquí... Suiu a ruína de Coimbra... Um vae-lhe abrir o caminho da perdição... roubou-lhe o outro metade dos seus defensores... Pode em ambos o odio mais que a patria: enganei-me com elles... Sabeis o que me cumpre fazer agora, D. Britaldo?... Aniquilar as pompas que me foram mentirosas... Que fiquem sómente estas pedras... e eu aqui, no meio das ruínas d'ellas, para as arrojar fumegantes aos infieis, que não tardam...

D. BRITALDO — E eu ficarei comtigo.

D. MENDO — Vós não! Tendes que amparar vossa filha e defender Coimbra. Haveis patria e familia... Em vós fóra covardia ficar.

D. BRITALDO (*indo erguer a filha e partindo*) — Adeus!

D. MENDO — Não tenho já que esperar no mundo... Parti, D. Britaldo, conde, que eu vou lavar aqui a minha justiça. (*trava de uma tocha, e arremeça-a á direita: trava d'outra, e atira-a á arcada*).

D. BRITALDO (*chegando á porta com a filha nos braços, e vendo a acção de D. Mendo*) — Que fazes, D. Mendo?

D. MENDO — Não hão de abrigar mais ninguém tectos que abrigaram traidores! (*sobe ao bastião; rompe tudo em chammás; D. Britaldo corre a pôr*

Aloa a salvamento; D. Mendo prosegue, impavido entre o incendio das alfaias, na corda das suas ameias) Agora que venha o moiro... Aqui o espero! (Cae o panno).

Fim do 3.º acto.

ACTO IV.

As portas da cathedral. O portico, coroado de ameias, fechando a scena. Ampla terraço. Os homens-bons e ricos-homens de Coimbra, os conegos e abbades, com os consules das terras do Mondego, estão reunidos em conselho. N'uma robusta mesa de carvalho o livro da lei goda, e o foral de Coimbra. Aspecto solenne e meditabundo.

SCENA I.

D. BRITALDO presidindo. À sua direita o bispo D. MAURICIO: à esquerda o abade de Lorvão, EUSEBIO. CASTINALDO ferido: D. EGAS, parentes, conegos, consules, ricos-homens, burguezes armados guarnecendo o recinto.

D. BRITALDO — Bem o vèdes, senhor, chegámos ao extremo... O conde de Coimbra não se apresia... O exercito de Ali-Ben-Jussuf acampa nos plainos de Leão... e a hacha de Sisanando fende as portas de Coimbra á frente do infiel.

CASTINALDO — Assim o quizeste, senhor: estava em nosso poder.

D. BRITALDO — Mas de que modo?

CASTINALDO — Já lá ficou parte do meu sangue derramado em expiação. Farei o mesmo do que resta.

D. BRITALDO — Consules, e ricos-homens das terras do Mondego, que decidis?

D. MAURICIO — A porta de Almedina já foi tres vezes entrada... E' Sisanando que a ataca em pessoa, e aonde elle vai faz-se um claro no mais apertado e generoso dos combatentes!... O de Ribadão é tremendo lidador.

EUSEBIO — Excommungue-se o de Ribadão!

D. MAURICIO — Se o visseis, como eu o vi, D. abade, nos campos da Palestina, erguido entre fileiras de infieis que o seu montante abatera, como o cedro da encosta entre as espigas derrubadas pela mão do ceifeiro!...

EUSEBIO — Se o visse!...

D. MAURICIO — Não fallaríeis tão alto de excommunhão... Bem caso fará dos raios da igreja, quem traz na mão taes raios de guerra... e mais, e maiores ainda lá dentro d'alma. Isso é para outros... Aquelle está perdido, e perdeu-nos. Se n'isto attentasseis, senhor dos monges negros, fio-vos eu que não fallaríeis assim.

EUSEBIO — Fallaria, e fallo... e fallarei... que os senhores de Lorvão tem ainda no seu mosteiro armas de sobra, e sobejos vassallos nos seus contos para fazer respeitar os raios da igreja... Talvez digaes isso, senhor bispo, porque o vosso conde sujeitou a nossa igreja á jurisdicção da sé... Mas que nos importa a nós condes e bispos, se contra a sua collegiada de conegos podemos nós erguer tamanho pé de gente que...

D. MAURICIO — Por S. João de Jerusalem, D. abade, que vos esqueceis de que as ordens não põem estorvo ás armas!

EUSEBIO — Pelo contrario, lembro-me!

D. MAURICIO — Olhae que apar do baculo conservo eu ainda a espada com que, ao lado do meu conde, como dizeis, gravei o nome da igreja em peitos de serracenos... Olhae que... (detem-se reflexionando — pausa) Está ali a sé... além os inimigos... não posso responder-vos.

D. BRITALDO — Senhores, basta. Quereis renovar dissensões quando temos a morte ás portas?... Quem tem aqui voz em Coimbra por D. Henrique?... (autorizado) Quereis n'esta hora macular o escudo branco do conde com o sangue de rixas fataes?... Pelejaes aqui de palavras... disputaes primazias... e o moiro ahí!... A hora da assolação desceu sobre Coimbra... Bispos, conegos, ab-

bade, e cavalleiros são todos eguaes perante a ruina... Vamos, senhores, que decidis?

D. EGAS — Espere-se D. Giral, que não tardará em voltar do campo de Sisanando... e pelo que elle disser...

D. BRITALDO — Eil-o ahí.
Continua.

A pastorinha.

Vejo o dia que além vem nascendo,
Vejo a noite ligeira a fugir;
Vejo a lua já ir-se escondendo
N'essas aguas que vejo bolir...

O seu manto, bordado de estrellas,
Inda ha pouco no ceo fulgurou...
Ai que estrellas tão lindas!... qu'è d'ellas?...
Uma só nem sequer nos ficou!

Já é dia... Lá vejo a pastora
Vir contente guiando seu gado;
E no rosto, que o mal não descora,
Nem lhe vejo um signal de cuidado.

Mui alegre por entre as campinas,
Ora aqui, ora ali, descansando,
Vem colhendo por entre as boninas
Outras flores que a' estão captivando.

Como salta, brincando contente,
Sem sequer ao seu gado attender!...
Ah! sua alma inda está innocente...
Nem lhe vejo signaes de soffrer!

Ai não soffre! — No curto da idade
As paixões não se podem sentir!
Do passado não sente saudade,
Não a alegra o cuidar do porvir.

O presente, é todo o seu mundo;
Uma hora, uma vida feliz;
Seu viver é ditoso, e jucundo
Seu olhar, o seu rosto nos diz.

Jámais foi assaltada de amores
A sua alma formosa e gentil;
Vive livre, se o vivem as flores,
N'esses dias tão lindos d'Abril.

Lá parou!... Eil-a attenta fitando
Malmuequer que depressa colheu;
Começou a florinha esfolhando...
Eis a sina que a triste lhe deu:

Mal me quer lhe notou a primeira,
Bem me quer a segunda lhe diz...
Não lhe queiras sondar a terceira,
Que bem pode fazer-te infeliz.

Ai! teimosa, que foi que fizeste?
P'ra que foste essa folha sondar?
Avisai-te, teimaste, quizeste...
E acabas por fim a chorar!

Não te disse que não consultasses
N'essa folha terceira o porvir?
Não vias, que na dôr, se teimasses,
Essa folha te havia immergir?

Aniquila essa flor malfeteira,
Que fez triste teu peito bater.
Se trocaste o prazer d'uma hora,
Não te assustes... que pode volver!

Lisboa, 25 d'Abril de 1859.

ANTONIO MARIA GARCIA JUNIOR.

O incenso da lisonja é sempre abjecto, e ignobil; ou sirva para thurificar os monarchas, ou para adular os povos.

Miscellanea.

O CELEBRE QUADRILATERO.

As quatro praças fortes que constituem a grande defesa dos austriacos, na linha do Mincio, quadrilatero de que tanto se falla como inexpugnável estrategicamente, são Mantua, Verona, Peschiera, e Legnano. Vamos dar aqui a sua descripção.

Mantua é uma cidade do reino Lombardo-Veneziano, situada no meio de lagoas, em uma ilha do Mincio, a cento e vinte e quatro kilometros sueste de Milão. Pela sua posição e obras de arte é uma das praças mais fortes da Europa. Ainda que muito grande tem apenas trinta mil habitantes.

No tempo dos seus duques tinha de população cinquenta mil almas. Tem cathedral. O palacio do Té, obra magestosa, tem sido residencia dos antigos duques, palacio da justiça, arsenal etc. Ha ahí bellas ruas e praças, entre outras a de Virgilio, nome que se lhe deu por ter sido o poeta latino natural d'Andas, aldêa dos arrabaldes de Mantua. Um canal divide a cidade em duas partes. Tem igualmente academias de sciencias, artes, pintura e escultura, galeria de antiguidades, bibliotheca, universidade, lyceu, e gymnasio. E' muito insalubre.

O ducado de Mantua passou para a casa d'Austria em 1708, depois da extincção da dynastia dos Gonzagas. A cidade foi tomada por Bonaparte em 1797, e transformou-se em capital do departamento do Mincio até 1814, que se restituiu á casa d'Austria. Já ahí tem havido quatro congressos.

Verona (*) é situada sobre o Adige, a cento e cinquenta kilometros este de Milão. A sua população é de cinquenta mil habitantes. Tem tres castellos fortes, com bastiões e casamatas. A cidade não é bonita, apezar da sua posição ser excellente. Tem cathedral, boa praça, jardins, palacio real e municipal, arcos triumphaes, amphitheatro romano, academias de sciencias e artes, pintura, e agricultura, gymnasio, lyceu, duas bibliothecas, e museu.

Pertenceu á republica de Veneza, porém entre 1737 e 1801 foi possuída pela Austria. Pelo tractado de Presburgo, em 1805, passou a fazer parte do reino de Italia, como capital do departamento do Adige. Em 1815 voltou para o poder da Austria. Em 1822 celebrou-se ahí o celebre congresso de soberanos, membros da santa-alliança.

Peschiera, situada tambem na Lombardia, sobre o Mincio, no ponto onde o rio sae do lago de Garda, fica a vinte e quatro kilometros oeste de Verona. E' habitada por duas mil e quatrocentas almas. Tem cidadella, e pequeno porto. Foi tomada pelos francezes em 1796, e occupada pelos austro-russos em 1799, e depois pelos francezes em 1801. O exercito piemontez, commandado pelo rei Carlos Alberto, tomou-a tambem aos austriacos em 1848.

Legnano fica a trinta e cinco kilometros sueste de Verona. Está situada sobre o Adige. Tem dez mil habitantes. Foi tomada pelos francezes em 1796.

Completaremos a descripção com a dos dois rios Mincio e Adige.

O primeiro sae do lago de Garda ao sueste, banha as provincias de Verona e Mantua, e entra no Pó pela margem esquerda, depois de um curso de sessenta e cinco kilometros. Em 8 de Fevereiro de 1814, o principe Eugenio Beauharnais, pae do primeiro esposo da rainha a senhora D. Maria II que Deus haja, e da senhora duqueza de Bragança imperatriz viuva do Brazil, derrotou os austriacos nas suas margens.

O segundo nasce nos Alpes Rheticos, atravessa o Tyrol e o reino Lombardo-Veneziano, banha Trento, Rovaredo, Rivoli, Verona, e Legnano. Recebe o Eisach, Lavis, e Alpon, entrando depois no Adriatico em Porto Fossona. Communica-se ao Pó por diversas ramificações. Um dos braços principaes do Adige chama-se Adigetto, avizinha-se ao mar, e passa em Badia, Londenara, e Rovigo.

(*) Para mais amplos esclarecimentos veja-se o artigo sobre esta cidade, inserto no numero da semana passada.